

AFFONSO ÁVILA E A GERAÇÃO DE *TENDÊNCIA*

*Antônio Sérgio Bueno**

RESUMO

Este trabalho procura chamar a atenção do leitor para a importância da contribuição da revista *Tendência* para a cultura mineira e brasileira contemporânea e, em especial, sublinhar a qualificada participação, na revista, de Affonso Ávila, tanto como crítico literário, quanto como poeta.

Vinte anos após o lançamento do primeiro número de *Tendência* (agosto de 1957), Paulo Leminski, em carta a Régis Bonvicino, prenuncia:

*Talvez não haja mais tempo
para grandes GESTOS INAUGURAIIS
como a Poesia Concreta foi
a Antropofagia foi
a Tropicália foi*

*Agora é tudo assim
ninguém sabe
as certezas se evaporam*

Nas palavras de Leminski já encontramos a dificuldade de articulação grupal para qualquer expressão de cultura, a negação das utopias, o bombardeamento das chamadas vanguardas. O individualismo feroz passa a inviabilizar gestos coletivos também no plano das manifestações culturais e artísticas.

Em 1957, os brasileiros estavam voltados para a defesa do petróleo, a construção de estradas e de Brasília. Havia um imenso apelo nacionalista. Daí a muito pouco tempo não havia mais espaço para os chamados pensamentos desinteressados.

* Universidade Federal de Minas Gerais.

dos. Engajamento era a suprema palavra de ordem. Todos se engajavam à esquerda e à direita e se transformavam em militantes. Cobravam-se posições e definições. Patrulhava-se.

Nesse ano de 1957, sob a direção de Fábio Lucas, e tendo na Comissão de Redação Affonso Ávila, Rui Mourão e Fritz Teixeira de Salles, foi lançada a revista **Tendência**, que alcançaria grande repercussão para a época.

Do editorial desse primeiro número é possível depreender um projeto ideológico: “Estamos empenhados na *investigação do sentimento nacional* em nossa literatura, não descurando também das manifestações deste mesmo sentimento nos outros ramos da cultura e do saber humano.”

Além do desprezo pela neutralidade ou isenção, há uma busca de homogeneidade, uma disposição para um “trabalho comum”, um “trabalho de grupo”. “Escolher um rumo, eleger uma tendência, um trabalho comum”.

No editorial do último número de **Tendência** lemos: “(A nova estética da revista) só tem *um* tema, que é a *consciência nacional*”.

Nas vésperas dos anos 60, temos um clima de radicalização semelhante ao da década de 30: necessidade de se tomar posição diante das polarizações ideológicas. O excesso de zelo para com as fronteiras culturais do país leva a afirmações que tangenciam as do velho Verdeamarelismo da década de 20: “A defesa de nosso patrimônio cultural induz a repulsa de culturas transplantadas” ou “(...) Mas nos repugna qualquer tentativa de absorção ou de deformação com que culturas estranhas tem-nos assediado no curso de nossa História, em variadas formas de apropriação interessada”.

Esse tom não é muito diferente daquele do segundo editorial de **A Revista** (1925), de Martins de Almeida: “Não podemos oferecer nenhuma permeabilidade aos produtos e detritos das civilizações estrangeiras”.

O primeiro editorial de **Tendência** anuncia o propósito de “analisar o que é específico e inconfundível em nosso caráter”. Essa disposição será reafirmada no editorial do n. 3, na proposta de estabelecer “uma frente única nacional” contra a “incapacidade econômica” e a “apatia mental”. Assim termina esse editorial: “Nosso propósito, desde o primeiro número desta revista, foi o de sugerir as bases da formação de uma consciência crítica em torno do fenômeno literário que, no nosso entender, é tanto mais autêntico, quanto mais nacional”. (p. 8)

Ainda no mesmo editorial, insiste-se na ênfase em um “compromisso que assinamos com o futuro”, a necessidade de “armar laboratórios que trabalhem para o futuro”. Perceba-se a enorme distância que separa esse futurismo da década de 60 da chamada “agoridade” (Haroldo de Campos) desta nossa década de 90.

No caso específico da participação de Affonso Ávila em **Tendência**, passo a comentar seus poemas. Era natural que estes refletissem o engajamento do poeta nas questões de ordem política e social, embora jamais abdicasse de um certo patamar de qualidade que identifica sempre o produto verbal da lavra de Affonso Ávila.

No número 1 de **Tendência**, encontramos o poema “Concílio dos plantadores de café”. O próprio Affonso afirma que esse texto é “formalmente indefinido”. Não penso assim. Vejo no poema uma forte aproximação formal em relação a “O operário em construção” de Vinícius de Moraes, texto-slogan, muito repetido na década de 60, e que apresenta um inconfundível corte de Literatura de Cordel. Ambos os poemas se estruturam em rendondilhas maiores – os versos de maior alcance popular na métrica de língua portuguesa:

Vinícius: *Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão*

A. Ávila: *Nos arbustos derradeiros
O tempo esmera a demão
E essa mancha aureolada
É a sua coroação
Proponho ao vosso conselho
Que se dê povoação
De gado de corte e leite
Aos campos que restarão
Onde a estrela dos pastores
Nos conduza a outra nação*

Reforça a condição engajada de “Concílio dos plantadores de café” o vocativo “companheiros”, na intervenção do terceiro orador, lugar-comum em comícios e assembléias sindicais. Este poema de Affonso Ávila foi também publicado no livro **Carta do Solo** (1961) com o subtítulo de “planfeto”, explicitando a finalidade a que o poeta o tinha destinado, embora a eficácia estética do poema transcenda de muito sua destinação engajada.

Neste mesmo livro é também reproduzido o poema “Morte em Efégie”, que já fora publicado no n. 3 de **Tendência**. Esse poema, muito mais sofisticado que o anterior, apresenta superior vontade de estrutura e vem vazado num registro que a crítica hoje chama de construtivista.

Algum tempo depois, seria lançada em São Paulo, pelo antigo grupo dos poetas concretos, ao qual Affonso se ligou por amizade e afinidade artística, a revista de arte de vanguarda **Invenção**. Muitos processos utilizados pelos concretos já se anteciparam em “Morte em Efégie” de Affonso Ávila.

Mas o engajamento político não está ausente desse poema. Nele, o sujeito poético formula a idéia de julgamento de um “entreguista”, ou seja, um intelectual (ou homem público) que não passava de “agente de um pensamento imperialista, inteiramente contrário aos interesses nacionais”. Essa pessoa se camuflava, difícil-

tando sua identificação. Por isso, não podendo submetê-lo ao julgamento real, o sujeito poético recorre à imagem da “morte em efígie”, instituto jurídico existente desde o período medieval e que, no século XVIII, chegou até Minas. O personagem-entreguista do poema recebe, como o criminoso do passado, a sentença final, em caixa alta: “GRAVA-SE NA MOEDA/SUA MORTE EM EFÍGIE”.

Este poema resolve, magistralmente, a questão colocada por Ezra Pound nos seguintes termos: “De uma perspectiva empírica, o verso tem usualmente um ELEMENTO FIXO e um ELEMENTO VARIÁVEL; qual dos elementos deve ser fixo e qual deve ser variável, e até que ponto, é o problema do autor”. O poema “Morte em Efígie” é um momento de equilíbrio entre o compromisso ideológico e o rigor formal. Essa alternância entre um núcleo fixo e um eixo rotativo de palavras é o que chamo de ESCRITA RADIAL. Um exemplo retirado de “Morte em Efígie”:

- *Ao diabo com seus favos*
Provou no feltro da língua
- *Ao diabo com seus sexos*
gozou no mênstruo da vinha
- *Ao diabo com seus poldros*
montou nos fusos da várzea
- *Ao diabo com seus veios*
Buscou nos ossos da lavra
- *Ao diabo com seu código*
Rogou no ofício do logro
- *Ao diabo com seus gumes*
Cobriu nos pelos de engodo.

O impecável apuro formal de “Morte em Efígie” está, além da refinada seleção do vocabulário poético, na justa adequação entre os andamentos rítmicos e as unidades referenciais do texto. A parte I apresenta quatro seqüências de três quartetos e um dístico, todos em decassílabos heterométricos.

A linha rítmica vai se acelerar na parte II, composta de dísticos em redondilha maior. Uma nova simetria se instala, aderente à agilização dos dados referenciais. Na parte II, os versos se contraem ainda mais em redondilhas menores agrupadas em oitavas. O primeiro verso se repete no oitavo e o recheio compõe uma espécie de ladainha.

No mesmo tom de ladainha, a parte IV – correspondente à sentença final – organiza-se em oitavas, cujo primeiro verso funciona como um mote condenatório e os sete demais compõem uma glosa indignada que justificará a condenação final.

O último poema que comento aqui é a “Carta sobre a Usura”, que se divide em quatro partes. A primeira parte – ONZENÁRIO – apresenta uma seqüência de seis estrofes em que os elementos se disseminam nas cinco primeiras e se recolhem na última, uma técnica barroca muito conhecida. A segunda parte – AS ARCAS – compõe-se de oito estrofes rigorosamente simétricas, denunciando as diversas ações

do ouro, seu amplo leque de atuação. A terceira parte – ELABORAÇÃO DA FOME – mostra uma escalada em espiral dos efeitos da fome e a última parte – COROAÇÃO DO URSO – compõe-se de dez tercetos também simétricos que trazem um diálogo interno entre os dois versos, os quais falam do *urso* (imagem do usurário) e a resposta subalterna dos áulicos no terceiro verso.

Se, no primeiro poema, a função engajada domina as demais, nos outros dois há um perfeito equilíbrio entre empenho ideológico e caráter construtivo da linguagem. As características da poética de Affonso Ávila nesses textos podem ser assim resumidas:

- uma planificação do poema;
- uma farta consulta a materiais de criação;
- uma técnica ITERATIVA, que confere certo caráter didático aos poemas;
- uma linguagem rigorosamente SUBSTANTIVA e SINTÉTICA.

Mas Affonso Ávila tem também importante participação como crítico nos quatro números de **Tendência**. Como crítico de poesia comparece no primeiro número com um “Depoimento” sobre o livro **Duas Águas** de João Cabral de Melo Neto, publicado em 1956. Ávila classifica Cabral como “o primeiro grande poeta post-modernista do Brasil”.

Embora perfeitamente capaz de discernir os amplos recursos técnicos da poética cabralina, Ávila cai algumas vezes nas malhas dos preconceitos conteudistas da época e acusa como falha em **O cão sem plumas** uma “construção preciosa”. Acrescenta que somente em **Morte e vida severina**, João Cabral se apoderara de seu “almejado processo de comunicação” e vê neste livro o esboço do que deve ser “a verdadeira (sic) linguagem poética nacional”. Era um tempo em que não havia clima para uma convivência plural de posições nem na Política, nem na Arte. “Tempo de partido, de homens partidos”, de monólogos intolerantes.

No número 3 de **Tendência**, comentando o livro **Espístola do São Francisco para os que vivem sob sua jurisdição, no Vale** de Dantas Motta, Ávila fala em uma “verdadeira épica nacional” a afirmar-se em futuro bem próximo e que teria como centro temático a imagem do *rio*. Em linguagem elegante, o crítico traça um amplo painel de autores brasileiros que se voltaram para o rio como expressão de anseios coletivos ou angústias individuais, dentre os quais vale lembrar a cachoeira de Paulo Afonso de Castro Alves, o rio Paraíba de Alberto de Oliveira, o ribeirão do Carmo de Cláudio Manoel da Costa e Alphonsus de Guimaraens, o Capibaribe de Manuel Bandeira, o Amazonas de Raul Bopp, o Mundaú de Jorge de Lima e o Tietê de Mário de Andrade.

Trata-se, sem dúvida, de fina percepção crítica de um filão extremamente rico na história da literatura brasileira e que, até nossos dias, não foi devidamente explorado pela crítica especializada.

Volto ao primeiro número para comentar um exemplo em que Affonso Ávila realiza crítica de prosa. Trata-se de um registro da publicação de **Vila dos Confins** de

Mário Palmério. Louve-se o acerto das posições do crítico:

Vila dos Confins receberá sérias restrições se examinado como romance.
 (...) trabalho de ficção sem estrutura, ritmo ou mesmo sem história.
 Falta a *Vila dos Confins* a contenção e precisão de linguagem.

O único elogio vem daquela necessidade da época de valorizar tudo que parecia buscar a chamada “identidade nacional”: “O que devemos louvar nesse estreante é a sua contribuição à reestruturação temática que se opera em nossa literatura e o fato de nos haver revelado mais um lance da realidade estuante de sugestões que é o sertão mineiro”.

Entretanto, o analista da prosa de Mário Palmério não consegue fugir de um certo marxismo mecânico que grassava, então, entre os melhores espíritos nacionais da época. A sombra de um sociologismo determinista paira sobre estas palavras do crítico: “Por força de leis que regem a economia dos povos, assistimos no Brasil à superação do colonialismo agrícola, cuja cúpula é o café, determinada pelo incipiente mas célebre processo de industrialização”.

No quarto número de *Tendência* retorna Affonso Ávila como crítico de prosa em “O homem sem função” na seção “Comentários”, resenhando o livro de contos *Duas faces* de Ivan Ângelo e Silviano Santiago. A clara percepção, revelada pelo analista, do hábil domínio dos meios expressivos da narrativa curta por parte de Ivan Ângelo – por exemplo, “os planos intercalados do contraponto” no conto “Homem sofrendo no quarto” – mostra que Affonso poderia, se quisesse, ter avançado muito mais no caminho da crítica da narrativa no Brasil.

Há um detalhe, entretanto, que incomoda o leitor de hoje que revisita *Tendência*: não só nos textos críticos de Affonso, mas em todos os demais, aparece um nefasto *crivo moralizante* de avaliação, que reponta em expressões como “visão *imatura* e às vezes *inautêntica* do mundo” (p. 148), “apreciação *honesto* de seu esforço de invenção formal” (p. 150) e “*autenticidade* criadora” (p. 150).

No final do quarto número de *Tendência* brilha ainda Affonso Ávila como crítico de cultura com um texto intitulado “Eixo São Paulo-Minas”, em que esboça, em poucas linhas, um inteligente quadro histórico das relações culturais entre os dois estados, com ênfase na Literatura.

Ávila inicia seu painel pelos vínculos entre Bernardo Guimarães e a geração romântica de São Paulo, passa pela famosa conferência de Oswald de Andrade em Belo Horizonte – “O caminho percorrido” –, lembra o ensaio de Mário de Andrade sobre o Aleijadinho e o poema “Noturno de Belo Horizonte” do mesmo Mário, recorda a caravana modernista paulista de 1924 atravessando as cidades históricas de Minas e termina no rico diálogo entre a poesia concreta e a revista *Tendência*. Desse encontro Ávila esperava “um projeto comum da fundação de uma expressão literária de autenticidade nacional”. (p. 163)

De **Tendência** saíram vozes importantes para a cultura mineira e brasileira: Fábio Lucas desenvolveu uma obra relevante na crítica literária nacional, Rui Mourão é um ficcionista respeitável, Maria Luiza Ramos é a professora universitária e ensaísta que todos admiramos. Affonso construiu, a meu ver, a obra poética mais importante em Minas depois do Modernismo, além de ser um crítico do Barroco de renome internacional.

Espero que estas anotações sem maiores pretensões sirvam, pelo menos, para chamar a atenção de alguns leitores para a importância da revista **Tendência** na história da cultura e, particularmente, da literatura em Minas Gerais.

RÉSUMÉ

Cet article veut attirer l'attention du lecteur sur l'importance de la contribution de la revue **Tendência** à la culture "mineira" et même brésilienne contemporaine, en mettant l'accent sur la participation exceptionnelle d'Affonso Ávila soit comme critique, soit comme poète.